

PROTEÇÃO OU PUNIÇÃO? O CORPO FEMININO EM CORPO DESFEITO, DE JARID ARRAES

Ana Caroline Pereira Duarte¹

Resumo: Este trabalho aborda questões iniciais relativas ao corpo feminino, a partir de uma análise bibliográfica-analítica, tendo como proposta a discussão sobre os artifícios utilizados para disciplinar o corpo das mulheres, sob diferentes perspectivas, ou seja, tanto das mulheres como dos homens. Para isso, utilizamos como análise o livro *Corpo Desfeito*, de Jarid Arraes. Partindo do pressuposto de que, historicamente, mulheres têm seus corpos moldados e reprimidos, objetivamos encontrar formas que ainda reforçam tais pensamentos bem como quais os discursos replicados para manter protegido o seu domínio. A análise está dividida em duas etapas: na primeira discutimos os artifícios utilizados pelo círculo familiar da protagonista da obra para disciplinar os corpos das personagens femininas; já na segunda, refletimos, a partir da leitura de livros e artigos publicados, como o pensamento sexista e patriarcal permanece qualificando e moldando comportamentos, vestimentas e relacionamentos afetivo-sexuais de mulheres, especialmente das negras. Se pensarmos nos sinônimos da palavra “desfazer”, surge algo como “destruir”, “desmantelar”, “alterar”. Nesse sentido, como conclusão, entendemos que o corpo feminino é desfeito por diferentes estratégias, sendo uma delas a imposição da disciplina e moldagem, para torná-lo menos desejável, especialmente para os homens.

Palavras-chave: Disciplinar; Corpo feminino; Jarid Arraes.

Resumen: Este trabajo aborda cuestiones iniciales relacionadas con el cuerpo femenino, desde un análisis bibliográfico-analítico, teniendo como propuesta la discusión sobre los artificios utilizados para disciplinar el cuerpo de la mujer, desde diferentes perspectivas, es decir, tanto de mujeres como de hombres. Para ello, utilizamos como análisis el libro *Body Undone*, de Jarid Arraes. Partiendo de la suposición de que, históricamente, las mujeres tienen sus cuerpos moldeados y reprimidos, nuestro objetivo es encontrar formas que aún refuercen tales pensamientos, así como qué discursos se replican para mantener su dominio protegido. El análisis se divide en dos etapas: en la primera discutimos los artificios utilizados por el círculo familiar de la protagonista de la obra para disciplinar los cuerpos de los personajes femeninos; En la segunda, reflexionamos, a partir de la lectura de libros y artículos publicados, cómo sigue siendo el pensamiento sexista y patriarcal calificar y moldear comportamientos, vestimenta y relaciones afectivo-sexuales de las mujeres, especialmente las mujeres negras. Si pensamos en los sinónimos de la palabra

¹ Graduanda do curso de Letras/português, pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

"deshacer", surge algo así como "destruir", "desmantelar", "alter". En este sentido, como conclusión, entendemos que el cuerpo femenino se deshace por diferentes estrategias, una de ellas es la imposición de disciplina y moldeo, para hacerlo menos deseable, especialmente para los hombres.

Palabras clave: Disciplinario; Cuerpo femenino; Jarid Arraes.

Introdução

Jarid Arraes, autora do romance *Corpo Desfeito* (2022), é reconhecida por conta da sua escrita voltada para temática feminina e feminista. Nasceu em Cariri (CE) e ganhou notoriedade após o seu livro de contos *Redemoinho em Dia Quente* (2019) ser o vencedor do Prêmio Biblioteca Nacional, do APCA de literatura, direcionado especialmente para as brasileiras nordestinas. Como também é cordelista e poeta, possui escritos em outros gêneros, como o livro *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis* (2020), onde reúne histórias de mulheres negras, algumas mais reconhecidas, como Carolina Maria de Jesus; e outras pouco lembradas, como Tia Ciata, mas todas postas para serem celebradas e memorizadas nos cordéis pela autora.

Além de abordar em sua escrita temas relacionados às mulheres em geral, no sentido da sua emancipação e valorização, tanto nos cordéis quanto nos poemas e contos, em seu primeiro romance e objeto de pesquisa do presente artigo, também encontramos outros temas interligados, como homoafetividade, abandono parental, fanatismo religioso e violência infantil, que, embora sejam temáticas de cunho geral, tanto para homens quanto para mulheres, fazem parte do histórico de repressão contra o sexo feminino, na antiguidade e na contemporaneidade.

Por ocupar ainda um pequeno espaço nas publicações literárias, é de grande importância que mais autoras estejam presentes nessas produções. Nesse sentido, celebrar a premiação de autoria feminina nordestina, representa autonomia e reconhecimento de feito ainda maior. Com base nessa escrita, em *Corpo Desfeito*, temos como objetivo entender e propor quais os artifícios manipulados por diferentes agentes, dentro da perspectiva de cada um, são utilizados para disciplinar o corpo feminino.

Por utilizarmos o método bibliográfico-analítico, por meio da análise literária, tentamos descrever as formas pelas quais os diferentes agentes opressores conseguem agir para reprimir e moldar o corpo feminino. Para isso, com o intuito de organizar a leitura, primeiro refletiremos sobre quais métodos são utilizados pelos personagens principais para disciplinar o corpo feminino, nas quatro perspectivas: neta, filha, avó e avô. Depois, a partir dos argumentos levantados, tentaremos discutir sobre os diferentes modos de

disciplinamento sobre o corpo feminino a partir de outros estudos já publicados, como em artigos e livros.

Artifícios para disciplinar o corpo feminino: diferentes perspectivas

Ao falar do corpo feminino, dizemos que ele foi e é palco não só do machismo, da subjugação, da violência em todas as suas camadas, mas também das tentativas de desintegração do que o constitui, especialmente ligada a imagem criada de que o corpo feminino é, por si só, pecaminoso, e quanto mais desconfortável estiver de pertencer a ele, mais a mulher diminui as chances de torná-lo desejável, especialmente para os homens. Dessa maneira, apesar de conquistar maior autonomia e direitos, podemos entender que o corpo feminino continua sendo o epicentro de todo tipo de opressão, até das mais absurdas. Isso porque, quando pensamos que no século XXI podemos exercer nossos direitos políticos e civis, devemos lembrar a trajetória sangrenta e violenta da luta dessas mulheres para demonstrar que, infelizmente, ainda somos vítimas de uma sociedade patriarcal e sexista.

Narrado em primeira pessoa, *Corpo Desfeito* (2022) tem como protagonista a personagem Amanda, que apesar de ter apenas 12 anos, descreve o seu sofrimento provocado pela sua avó durante nove meses após a morte de sua mãe (Fabiana), na cidade de Juazeiro do Norte (CE). Depois da missa em uma igreja, a avó Marlene decide encomendar uma estátua da sua filha Fabiana. A partir disso, como todas as medidas regulatórias do seu corpo são tomadas pela sua avó, a personagem apenas aceita, por conta da idade, tais imposições. No entanto, os significativos nove meses servem para demonstrar as suas diferentes decisões sobre si mesma e como tais mudanças são importantes para a conquista da sua liberdade, acompanhada do leitor/a, pois é escrito em forma de diário.

Quando Amanda, por exemplo, no início da narrativa está subjugada a um ritual de iniciação à santificação do seu corpo, percebemos um exemplo dos próximos episódios de silêncio que ela terá que lidar durante a narrativa. Ao repetir a seguinte oração, não percebia ser uma das pessoas a disciplinar o seu próprio corpo:

Santa Mãe, Santa Filha. Que seus olhos acompanhem nossos corpos.
Que a sua boca nos conte rios de perdão. Santa Mãe, Santa Filha, que bondosa nos estende a mão. Com pureza pedimos e com pureza rogamos. (ARRAES, 2022, p. 8)

Assim mesmo o fez quando precisou permanecer em silêncio ao ver a avó encomendar a estátua da própria filha; ou das vezes em que se manteve imóvel enquanto

era castigada; ou quando aceitou as restrições das vestimentas e dos comportamentos, sem questionar. Por amor a avó e a mãe, mas também por perceber que sacrificar sua vida em prol do outro “é como oferecer o corpo para ser punido” (p. 9), só rompe esse ciclo ao final dos nove meses, embora no oitavo mês já começasse aos primeiros rompantes, como vestir, mesmo sendo descoberta, as roupas que queria.

Já Fabiana, uma mulher negra, mãe de Amanda, engravidada aos dezesseis anos de idade e é forçada a abandonar “as boas notas e os talentos para o esporte” (p. 12). O disciplinamento do seu corpo aconteceu a partir da sua gravidez, quando precisou permanecer em silêncio de quem era o pai de sua filha; quando mesmo ao arcar com todas as despesas da casa, ocupando três empregos exaustivos, precisou lidar com a parcialidade da sua mãe sobre a paternidade de Amanda; ou até mesmo quando ouviu, em silêncio, as insinuações e insultos de sua mãe e de seu pai para, no fim, comer “as beiradas discretas do próprio corpo para não falar aquilo que dali não passava” (p. 42). Apesar de se autodisciplinar, não reproduzia isso com Amanda. Ao contrário, costurava vestidos ao gosto da sua filha: coloridos ou não, curtos, longos, justos. Fabiana acreditava manter o corpo de sua filha em proteção, embora antes mesmo de morrer, não soubesse do início das punições sofridas por Amanda.

Contrariando as duas personagens anteriores, Marlene, também negra, praticou a privação de três diferentes corpos: o seu, o de sua filha e o de sua neta. Uma possível leitura do motivo que levou Marlene aos seus atos, como a indiferença ao abuso da filha e a violência contra a neta, pode advir do seu próprio sofrimento, pois é o entremeio de um corpo já desfeito, mas também aquele que reproduz as ações violentas do agressor. Por isso, por acreditar que o causador dos seus sofrimentos e de sua filha Fabiana tenha sido os seus corpos desejáveis, tenta distanciar Amanda deste corpo como forma de proteção. Ou seja, suas decisões são baseadas no pensamento patriarcal. Ao entender que ela mesma e sua filha são as causadoras do abuso e não vítimas, apenas reforça as ideologias do seu marido Jorge, e só percebe a gravidade ao final dos nove meses de flagelação.

Pelos próprios parentes ou por desconhecidos, a violação da integridade feminina física, moral e psicológica, é infligida durante toda a sua vida. Três gerações estão interligadas nesse ciclo de violência proporcionada por um único homem: o avô Jorge. Tanto a avó Marlene, quanto a filha Fabiana e a neta Amanda, sofrem com os diferentes artifícios utilizados pelo avô para manter e justificar a sua dominação, como agredir e insultar Marlene; cometer abandono parental à Fabiana desde o seu nascimento, restringindo sua alimentação e higiene pessoal, assim como fez com Amanda; incesto contra Fabiana, dentre outros.

Suas nauseantes ações iniciam antes e após o nascimento da filha, pois “gostava de beliscar a perna ainda gordinha, dava risada quando o choro alto rompia os limites da porta” (p. 29), mas também perpassa por pensamentos repulsivos, como acreditar que a gravidez de Fabiana é “um fenômeno da impulsividade e um atestado da incapacidade feminina de fechar as pernas” (p. 12), e só findam com o seu suicídio. Mas, infelizmente, suas marcas permanecem presentes, agora provocadas por Marlene, já que, para Amanda, a avó “tomou posse daquele grande absurdo e, procurando em quem jogar as recordações, me escolheu” (p. 43).

O corpo feminino disciplinado da Idade Média à contemporaneidade

Com a apresentação das diferentes maneiras de disciplinação do corpo feminino no círculo familiar de Amanda, conseguimos seguir para a segunda parte do artigo, no qual discutiremos os tópicos de como o pensamento enraizado do corpo feminino associado ao pecado influenciou a avó de Amanda a discipliná-lo.

Se antes do casamento a avó Marlene usava cores vibrantes, roupas justas e curtas, é possível que o seu pensamento ainda não estivesse permeado pelas ideias opressoras de Jorge. Dessa maneira, ao ser forçada a não trabalhar e ter sua integridade física (já que era agredida constantemente), moral (pois foi questionada se Fabiana era filha de Jorge) e psicológica (diante de todas as agressões) violada pelo marido, podemos entender Marlene como uma mulher percebida por Jorge como a ideal: amável, subordinada e obediente.

Outro fator importante a ser retomado e percebido na narrativa de Amanda, é a tentativa de Marlene em proteger sua neta de um possível futuro relacionamento agressivo. Motivada pela apropriação do discurso do seu opressor e acreditando na liberdade do corpo como motivação à hipersexualização e objetificação do corpo, castiga Amanda com o intuito de mantê-la pura e abdicada do seu desejável corpo.

Devemos lembrar que na idade média (Teodósio; Holanda, 2020; Pinto, 2010), as mulheres eram tidas como inferiores aos homens, devendo direcionar suas vidas aos filhos e ao seu marido. Se fossem além disso, seriam consideradas desertoras, bruxas. O seu corpo era disposto como algo detentor do pecado, já que o pensamento medieval era regido pela narrativa bíblica; E nesse sentido, as mulheres e suas ‘formas de sedução’, representaria o perigo, além da predisposição à contradição do que era o seu dever, afinal, segundo as premissas cristã, Eva levou Adão a pecar e as bruxas estavam sendo presas e mortas por desobedecerem às regras católicas.

Com o início do século XV, na Idade Moderna, a mulher ainda estaria no lar como propriedade do marido e responsável pela educação dos seus filhos. Deveria, então, ser o

reflexo da mulher ideal: caridosa, amável e subordinada. Ainda estaria desprovida da participação na vida política e social, e, portanto, dependente do homem. Dessa maneira, ser mulher na Idade Moderna significaria ser despesa indesejada do pai, e depois, objeto de reprodução, devendo ser recebida intocada, virgem, pelo seu marido.

A progressiva emancipação da mulher até o século XIX, com a reivindicação do direito ao voto e educação, fez surgir um movimento em busca da efetivação da igualdade: o feminismo. Constância Lima Duarte, em seu artigo intitulado *Feminismo e a Literatura no Brasil* (2003, p. 151), reflete sobre o que o movimento representa para as mulheres na contemporaneidade: algumas acreditam que representa a luta por conquistas; outras acreditam que o empoderamento feminino destitui a mulher do que é ser feminina. Isso gera, segundo a autora, o “desgaste semântico da palavra”, dando espaço para outras concepções estereotipadas e deturpadas, como o pensamento de que a mulher é a culpada por sexualizar o seu corpo.

A mulher, nesse sentido, nunca esteve livre da repressão. Ainda é sentido o resquício, independentemente da idade, do que é ser mulher em uma sociedade onde o abuso sexual, a alta taxa de feminicídio, a importunação sexual, a hipersexualização, o abandono parental e o incesto, ainda são uma realidade. Por isso, infelizmente, o empoderamento feminino corre o risco de não ser mais visto como emancipação e sim como reforço da objetificação do seu corpo.

Nessa nova concepção, a mulher que usa roupa justa, curta e de cor vibrante, contribui para a sua hipersexualização. E ao contribuir, deve saber quais as suas consequências. Seguindo essa linha de pensamento, o padrão da mulher ideal ainda permeia o pensamento contemporâneo: para cada idade há um tipo de regra a se seguir. Se fugir a essa regra, você mesma põe o seu corpo em vulnerabilidade. Nesse caso, essa ‘liberdade’ do corpo, resulta no fortalecimento do pensamento machista, já que o abuso seria justificável.

Ademais, a emancipação feminina seria, dessa maneira, causa de vergonha para algumas mulheres, sem pensar que, na verdade, o corpo ainda visto como algo pecaminoso, está enraizado no nosso pensamento, e como manobra de controle da suposta superioridade intelectual, social e cultural masculina, deve ser mantida. As mulheres, então, são levadas a acreditarem que devem ser divididas entre as recatadas e as promíscuas, o que também sempre esteve no imaginário masculino como elemento regulatório da mulher ideal.

Com isso, ao afirmar que as próprias mulheres concordam com esses discursos na atualidade, devemos ressaltar mais uma faceta do machismo que continua a perseverar: para deslegitimar suas conquistas, é incumbido ao pensamento feminino as suas

ideologias. Seria, com isso, o que Karina Freitas, em seu artigo intitulado *A apropriação do discurso do opressor pelo oprimido: homem x mulher: uma construção social*, afirma sobre reprodução do discurso do opressor: a independência feminina, afinal, significaria a minação, em partes, da sua dominação. E para desfigurar o seu real sentido, o opressor incorpora o discurso feminino para, assim, enfraquecê-lo.

Temos, com isso, duas formas de incorporação do discurso: o do oprimido que, por influência, incorpora o discurso do opressor; e do opressor, que, por outro lado, usa do discurso do oprimido para desestimulá-lo. Ambos não são usados em favor do feminino e têm consequências devastadoras. O que não pode ser normalizado, acaba sendo reconhecido como algo normal: crianças que sofrem abusos sexuais e acabam engravidando, são forçadas a seguir com a gravidez; adolescentes são igualmente violentadas; mulheres adultas também sofrem com os mais variados tipos de violências.

Se levarmos em conta todos esses fatores para selecionar qual o grupo étnico-racial-econômico que mais sofre, encontramos maior incidência nas mulheres negras. No Brasil, as mulheres negras têm seus corpos vendidos como objeto de prazer desde a escravidão. Essa visão hipersexualizada do seu corpo é reforçado pela indústria comercial e publicitária, que retifica a separação entre ‘ideal’ e ‘não ideal’, e inclui outros fatores: a mulher negra fora do padrão não é a primeira escolha dos homens, nem mesmo dos negros, ainda que sejam consideradas recatadas e ideais. Ou seja, além do machismo, o racismo se faz presente para qualificar essas mulheres.

Lélia Gonzalez (2020, p.78) debate sobre a “consciência e memória” modeladora e controladora da formação ideológica do discurso racista e sexista sobre o corpo da mulher brasileira, especialmente a negra. Assim como o infame comentário de que existe dois tipos de mulher (além da branca), sendo elas ‘mulata para fornicar e a negra para trabalhar’, os conceitos levantados pela autora sobre a formação da “mulata, doméstica e mãe preta” no consciente popular, pertence, na verdade, a um mesmo indivíduo, oscilando entre a sua rejeição e integração.

Segundo a autora, o conceito do corpo escultural negro (a chamada mulata) é renovado quando a época carnavalesca chega. É nesse momento que “a mulher negra se transforma única e exclusivamente na rainha” (p.80), e é símbolo de exaltação e desejo por um pequeno espaço de tempo, até que esteja ocupando outro lugar, como o da doméstica: no trabalho, em casa, ou em qualquer outro espaço, a cor da sua pele traz à luz o que foi encoberto pelo momentâneo endeusamento da mulata antes desejada: descrédito que de fato ocupa cargos importantes ou reside em um específico lugar e frequenta tal estabelecimento, no qual não seja a atendente. Seria, nesse sentido, o racismo em

prevalência ao sexismo, embora ambos demonstrem seus efeitos violentos à mulher negra, ora mascarado pela adoração ora revelado pela repulsão.

Sendo o mesmo indivíduo, tanto a mulata quanto a negra representam a memória da formação social do Brasil. Desde a escravidão eram mantidas como servas dos seus senhores, das esposas brancas e dos filhos dos seus senhores. Com isso, ainda que em alguns momentos sejam adoradas, ainda é associada à servidão, e então, todo o discurso democrático se esvai e desmascara o machismo estrutural por meio da sua inferiorização.

Ainda apoiados no pensamento da autora, depois de situar o sobre quais aspectos sociais e culturais os termos “mulata” e “negra” são mantidos no consciente brasileiro, comparando ao primeiro comentário (branca para casar, mulata para transar e negra para trabalhar), podemos entender que, dispensada de ser a escolhida, a mulher negra seria algo como não bem-visto pela sociedade. O seu lugar seria o da servidão, ou seja, “concubinação tudo bem; mas casamento é demais” (p.82), devendo, então, ser mantidas ocultas.

Os efeitos disso é o planejamento matrimonial das mulheres negras que são (quando não deveriam ser) fora dos estabelecidos por mulheres brancas. Em meio a toda essa resistência, a mulher pobre e negra está ainda mais sujeita a isso em comparação com as mulheres brancas, com menos acesso à educação e à profissionalização. No entanto, assim como historicamente, ambas continuam com o mercado de trabalho menor se pensarmos nas que possuem filhos, e, conseqüentemente, mais dependentes do marido.

Surgem, por isso, conceitos problematizadores dessas questões, como o intitulado ‘solidão da mulher negra’. Onde, além dos fatores já levantados sobre a sexualização histórica do seu corpo, as mulheres negras afetadas estão sujeitas à rejeição afetiva-sexual (Mizael; Barrozo; Hunziker, 2021) tanto dos homens brancos quanto dos homens negros. Também são as que mais sofrem com o abandono parental dos parceiros.

Considerações Finais

Com base nos argumentos supracitados, concluímos que os métodos utilizados para disciplinar o corpo das três personagens femininas, aconteceram de diferentes formas, mas igualmente apoiados em pensamentos perpetuados pela própria sociedade. Por isso, além do incesto cometido contra Fabiana, devemos ressaltar, aqui, os artifícios utilizados pelo opressor Jorge para disciplinar as três personagens femininas: inferioriza Marlene por ser negra, demonstrando seu racismo; usa do discurso de avô atencioso e amável com Amanda para mascarar o seu preterimento afetivo; e culpabiliza Fabiana para causar rivalidade feminina com Marlene.

Protagonistas das repressões e agressões cometidas não só por Jorge, mas pelo pensamento sexista da sociedade, como elemento regulatório sobre seus corpos, perpetuados por séculos, Marlene, Fabiana e Amanda, são vítimas de discursos e normas que as qualificam a partir do seu modo de vestir, comportar e até mesmo de restringir, a partir desses moldes, qual seria os seus relacionamentos afetivo-sexuais, sendo as mulheres negras e pobres as menos valorizadas e escolhidas. Jorge, nesse sentido, é apenas um dos agentes opressores e consegue salvaguardar tais ações em discursos já internalizados pelas suas próprias vítimas.

Por fim, como uma espécie de última opção ou refúgio, Marlene e tantas outras mulheres, acreditam que a desvinculação de um corpo desejável é uma das maneiras de proteção do mesmo. A santificação seria o caminho, assim como a escolha das freiras em abdicar-se da vida mundana e jurar votos à castidade, à pureza e à obediência.

Referências

ARRAES, Jarid. **Corpo Desfeito**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.

ARRAES, Jarid. **Redemoinho em dia quente**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Seguinte, 2020.

Duarte, C. L. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estudos Avançados, [S.L.], v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003. Disponível em: <https://www.revista.usp.br/eav/article/view/9950>. Acesso em: 14 de ago. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MIZAEL, T. M; BARROZO, S. C. V.; HUNZIKER. M.H. L. A solidão da mulher negra: uma revisão da literatura. **Revista da ABPN**, v. 13, n. 38 • 2021 • p. 212-239.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista De Sociologia E Política**. V. 18, Nº 36: 15-23 Jun. 2010.

TEODÓSIO, Gabriela Maria *et al.* O feminino na idade média, seu lugar na historiografia e a herança para a contemporaneidade. **Anais VII CONEDU - Edição Online**. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/69034>>. Acesso em: 25/08/2023.